CISION

ID: 50140677

Grande Consumo

01-09-2013

Tiragem: 5000
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 66
Cores: Cor
Área: 21,97 x 30,83 cm²
Corte: 1 de 5

Vinho Corrente e Alentejo continuam a assumir-se como os principais "drivers" de crescimento do mercado do vinho engarrafado em INA. Com um total combinado de 223,6 milhões de euros, estas duas categorias representam uns expressivos 64,5% do total em valor de vinhos portugueses comercializados nas grandes superfícies portuguesas. Categoria que tem vindo a beneficiar do maior número de refeições feitas no lar. A migração de consumo trouxe alguma dinâmica a um mercado que faz valer de uma relação oferta/qualidade, assim como de uma maior e melhor oferta disponível, argumentos de venda ao longo de todo o ano. Suportado pelas principais regiões vitivinícolas nacionais, ou não fosse Portugal um país de profundas tradições vinícolas.

TEXTO
Alexandre Paulo
FOTOS
Sara Matos

Vinho já vale 356,3 milhões de euros em INA

CISION

ID: 50140677

Grande Consumo

01-09-2013

Tiragem: 5000
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 67
Cores: Cor
Área: 21,38 x 30,00 cm²
Corte: 2 de 5

O final de setembro marca a chegada das primeiras feiras dos vinhos às grandes superfícies comerciais portuguesas. Ritual que se estende até finais de outubro e que confere a possibilidade de adquirir muitos e bons vinhos a preços ainda mais competitivos. E, a julgar pela habitual adesão dos produtores que nelas se fazem representar, trata-se de uma possibilidade de promover, ou reforçar contacto, com o consumidor e elevar vendas, não obstante a redução do preço médio.

Feiras que conferem uma nova vida a estes já movimentados lineares, com a distribuição moderna a fazer um esforço ao longo dos últimos anos na elevação da qualidade média das suas garrafeiras. Tendência crescente que vai de encontro às tendências europeias onde, nalgumas cadeias/lojas britânicas, existe uma espécie de "provedor do vinho" que encaminha o "shopper" para uma escolha mais consciente ou ajustada às suas pretensões, quer em qualidade quer em preço, promovendo a prova dos néctares, "in loco", em muitos casos. Ideia que de inovadora apenas tem o facto de ser aplicada na moderna distribuição, uma vez que é reconhecida a qualidade generalizada das garrafeiras independentes nacionais, respetiva oferta e aconselhamento dos seus profissionais. Dimensões complementares do imenso mundo do vinho que, no caso português, se pauta pela oferta de qualidade reconhecida e preço médio baixo, com a exportação a ser um dos principais "drivers" de crescimento desta importante categoria para a economia nacional.

Em INA, este mercado tem no Vinho Corrente a sua principal categoria e apresentou um ténue crescimento de 1%, segundo dados Nielsen Market Track (Ano Móvel semana 24/2013). Tendo perdido vendas em valor em 10%, representa, agora, um total de 88,3 milhões de litros comercializados que geraram 112,8 milhões de euros de riqueza. Dos quais 78% se atribuem a vendas de marcas de fabricante.

Por regiões, a venda de vinhos engarrafados em INA tem no Alentejo o seu principal embaixador, não só pelo número de "facings" que a mesma acaba por ter devido ao interesse do "shopper" nos vinhos provenientes desta região, como pelos volumes anualmente produzidos e que obrigam a uma presença em canais de elevada rotação. Ao todo, são 110,8 milhões de euros e 33,8 milhões de litros vendidos por marcas como Monte Velho, Porta da Ravessa, Galitos, Borba, Real Lavrador (as cinco mais vendidas em INA), entre muitas outras que contribuem para o aumento das vendas em valor em 9% e 4% em volume.

Os vinhos correntes e Alentejo representam uns expressivos 64,5% das vendas de vinho em valor nos supermercados portugueses, ao perfazer um total combinado de 223,6 milhões de euros face aos 346,9 milhões de euros de riqueza gerada pelos vinhos portugueses (vinhos estrangeiros representam cerca de 9,5 milhões de euros). O que diz bem, não só dos hábitos de consumo dos portugueses, como também da importância dos vinhos de baixo preço para a dinâmica de mercado.

Perante a hegemonia dos vinhos alentejanos, a região vinícola que mais se aproxima em termos de venda em valor neste ranking é a dos Vinhos Verdes, ainda com vendas abaixo dos 50 milhões de euros (41,5 milhões de euros) e dos 15 milhões de litros (14,4

milhões de litros) tendo perdido ainda vendas em volume em 5% no período analisado.

Setúbal, Douro, Tejo, Lisboa e Beiras são outras regiões em crescimento em INA, em ambos os indicadores, com predominância generalizada das marcas de fabricante, mas onde a introdução de alguma oferta em marcas da distribuição e primeiro preço (MDD+PP) tem levado a aumentos em valor entre 2% (Vinhos Tejo) e 227% (Vinhos Lisboa), propícios de uma oferta de nicho.

Os dados apresentados pela Nielsen Market Track alusivos à venda de vinho nos hipers e supermercados portugueses demonstram, por um lado, a maior diversidade da oferta neste canal de comercialização, assim como um aumento das vendas em valor, decorrente da migração de hábitos de consumo de fora para dentro do lar, onde o valor acrescentado do vinho marca uma maior presença à mesa dos portugueses.

Por último, um palavra para os vinhos denominados como estrangeiros, que representam um total de 7,6 milhões de litros (+31%) e de 9,4 milhões de euros (+40%), num equilíbrio interessante entre MDD+PP (35% vendas em valor) e marcas de fabricante (65% vendas em valor), com ambas a reforçarem posições em 21% e 53%, respetivamente.

Ou seja, muito e bom vinho à disposição do consumidor, a melhor preço nesta importante altura do ano, mas em todo o restante período pautando-se o vinho comercializado no retalho nacional pela boa relação qualidade/preço. Importante em qualquer mercado, mas ainda mais significativo quando os artigos em causa são considerados um valor acrescentado a qualquer refeição.

CISION

ID: 50140677

Grande Consumo

01-09-2013

Tiragem: 5000
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 68
Cores: Cor
Área: 21,97 x 30,90 cm²
Corte: 3 de 5

Vinho Verde

A região dos Vinhos Verdes/Minho é a maior zona vitivinícola portuguesa e situa-se no noroeste do país, coincidindo com a região não vitícola designada por Entre Douro e Minho. A região é rica em recursos hidrográficos, sendo limitada a norte pelo Rio Minho e pelo Oceano Atlântico a oeste.

Na região, os solos são maioritariamente graníticos e pouco profundos. Apresentam uma acidez elevada e baixo nível de fósforo, possuindo uma fertilidade relativamente baixa. Contudo, devido à ação do homem durante séculos (construção de socalcos e utilização de adubos naturais), tornaram-se mais férteis.

O clima da região é influenciado pelas brisas marítimas do Oceano Atlântico, por isso as temperaturas são amenas durante todo o ano. Os níveis de precipitação são elevados e mesmo no verão é possível que haja vários dias de chuva seguidos, por isso o nível de humidade atmosférica é relativamente alto.

As castas brancas mais utilizadas na produção do vinho desta região são Alvarinho, Loureiro, Trajadura, Avesso, Arinto (designada por Pedernã nesta região) e Azal.

A região foi delimitada no início do século XX e, atualmente, a Denominação de Origem divide-se em nove sub-regiões: Monção, Lima, Basto, Cávado, Ave, Amarante, Baião, Sousa e Paiva. Cada uma produz formas distintas de Vinho Verde, sendo notórias as diferenças entre os vinhos produzidos no norte ou no sul da região.

Douro

A região do Douro localiza-se no nordeste de Portugal, rodeada pelas serras do Marão e Montemuro. A área vitícola ocupa cerca de 40.000 hectares, apesar da região se prolongar por cerca de 250.000 hectares. O rio Douro e os seus afluentes, como por exemplo o Tua e o Corgo, correm em vales profundos e a maior parte das plantações são encaixadas nas bacias hidrográficas dos rios.

Os solos durienses são essencialmente compostos por xisto grauváquico embora, em algumas zonas, existam solos graníticos. Estes solos são particularmente difíceis de trabalhar e no Douro a dificuldade é agravada pela forte inclinação do terreno. Por outro lado, estes solos são benéficos para a longevidade das vinhas e permitem mostos mais concentrados de açúcar e cor.

Ao admirável cenário, alia-se a excelência dos vinhos produzidos nas três sub-regiões do Douro: Baixo Corgo a oeste, Cima Corgo no centro e Douro Superior a leste. A distribuição da área das vinhas não é uniforme. No Baixo Corgo a área de vinha ocupa cerca de 14.000 hectares e o número de produtores é de quase 16.000, isto é, em média cada produtor detém menos de um hectare de vinha. O Douro Superior é uma região mais desértica e o número de produtores é inferior ao número de hectares de vinha (quase 9.000 hectares para pouco mais de 7,900 produtores).

As castas cultivadas na região não são célebres pela sua elevada produção, contudo têm uma história secular, já que algumas castas provêm da época da Ordem de Cister (Idade Média). Na segunda metade do século XX, iniciou-se o estudo e análise das castas plantadas e chegou-se à conclusão que as melhores para a produção de vinho do Douro e Porto são a Touriga Nacional, Touriga Franca, Tinta Barroca, Aragonez (na região denominada de Tinta Roriz) e Tinto Cão. As novas quintas da região cultivam essencialmente estas castas, mas também outras muito importantes e com bastante expressão na região como, por exemplo, as castas Trincadeira e Souzão. A produção de vinhos brancos é essencialmente sustentada pela plantação de castas como a Malvasia Fina, Gouveio, Rabigato e Viosinho. Para a produção de Moscatel, planta-se a casta Moscatel Galego.

Dão

A zona do Dão situa-se na região da Beira Alta, no centro norte de Portugal. As condições geográficas são excelentes para produção de vinhos: as serras do Caramulo, Montemuro, Buçaco e Estrela protegem as vinhas da influência de ventos. A região é extremamente montanhosa, contudo a altitude na zona sul é menos elevada. Os 20.000 hectares de vinhas situam-se maioritariamente entre os 400 e 700 metros de altitude e desenvolvem-se em solos xistosos (na zona sul da região) ou graníticos de pouca profundidade. O clima no Dão sofre simultaneamente a influência do Atlântico e do Interior, por isso os invernos são frios e chuvosos enquanto os verões são quentes e secos.

O Dão é uma região com muitos produtores, onde cada um detém pequenas propriedades. Durante décadas, as uvas foram entregues às adegas cooperativas encarregues da produção do vinho. O vinho era, posteriormente, vendido a retalho a grandes e médias empresas, que o engarrafavam e vendiam com as suas marcas.

Com a entrada de Portugal na CEE (1986), houve necessidade de alterar o sistema de produção e comercialização dos vinhos do Dão. Grande parte das empresas de fora da região que adquiriam vinho às adegas cooperativas locais iniciaram as suas explorações na região e compraram terras para cultivo de vinha. Por outro lado, as cooperativas iniciaram um processo de modernização das adegas e começaram a comercializar marcas próprias, enquanto os pequenos produtores da região decidiram começar a produzir os seus vinhos. As vinhas passaram também por um processo de reestruturação com a aplicação de novas técnicas vinícolas e escolha de castas apropriadas para a região.

As vinhas são constituídas por uma grande diversidade de castas, entre as quais a Touriga Nacional, Alfrocheiro, Jaen e Tinta Roriz (nas variedades tintas) e Encruzado, Bical, Cercial, Malvasia Fina e Verdelho (nas variedades brancas). Os vinhos brancos são bastantes aromáticos, frutados e bastante equilibrados. Os tintos são bem encorpados, aromáticos e podem ganhar bastante complexidade após envelhecimento em garrafa.

Lisboa

A região de Lisboa, anteriormente conhecida por Estremadura, situa-se a noroeste de Lisboa numa área de cerca de 40 quilómetros. O clima é temperado em virtude da influência atlântica. Os verões são frescos e os invernos suaves, apesar das zonas mais afastadas do mar serem um pouco mais frias.

A região de Lisboa é constituída por nove Denominações de Origem: Colares, Carcavelos e Bucelas (na zona sul, próximo de Lisboa), Alenquer, Arruda, Torres Vedras, Lourinhã e Óbidos (no centro da região) e Encostas d'Aire (a norte, junto à região das Beiras).

As regiões de Colares, Carcavelos e Bucelas, outrora muito importantes, hoje têm praticamente um interesse histórico. A proximidade da capital e a necessidade

CISION
ID: 50140677
Grande Consumo
01-09-2013
Tiragem: 5000
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Outros Assuntos
Pág: 69
Cores: Cor
Área: 21,92 x 30,95 cm²
Corte: 4 de 5

de urbanizar terrenos quase levou à extinção das vinhas nestas Denominações de Origem.
A zona central da região de Lisboa (Óbidos, Arruda, Torres Vedras e Alenquer) recebeu a maioria dos investimentos: procedeu-se à modernização das vinhas e apostou-se na plantação de novas castas. Hoje em dia, os melhores vinhos DOC desta zona provêm de castas tintas como, por exemplo, a Castelão, a Aragonez (Tinta Roriz), a Touriga Nacional, a Tinta Miúda e a Trincadeira que por vezes são lotadas com a Alicante Bouschet, a Touriga Franca, a Cabernet Sauvignon e a Syrah, entre outras. Os vinhos brancos são normalmente elaborados com as castas Arinto, Fernão Pires, Seara-Nova e Vital, apesar da Chardonnay também ser cultivada em algumas zonas.

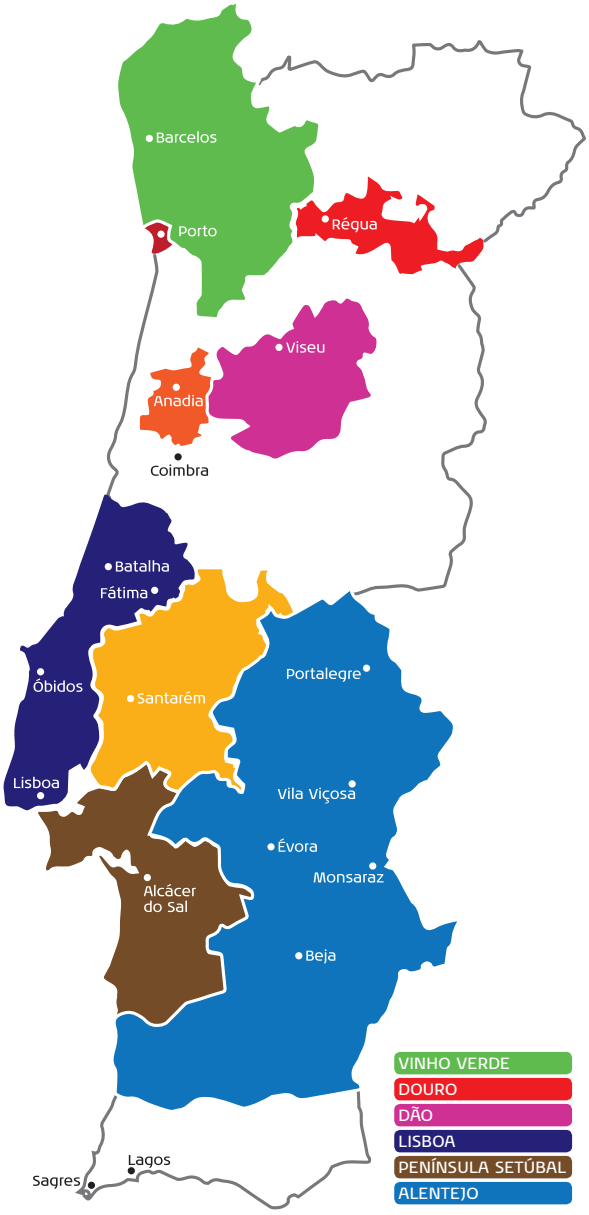
Península de Setúbal

A Península de Setúbal apresenta dois tipos de paisagens. Uma caracteriza-se pelo seu relevo mais acentuado com vinhas plantadas em solos argilo-calcários, entre os 100 e os 500 metros, aproveitando as encostas da Serra da Arrábida que as protegem do Oceano Atlântico. A outra zona, que representa cerca de 80% do total da região, abrange terras planas ou com suaves ondulações, raramente ultrapassando os 150 metros de altura. Estes terrenos são compostos por solos de areia, tornando-os bastante pobres e perfeitamente adaptados à produção de uvas de grande qualidade.
A Península de Setúbal compreende duas Denominações de Origem (Palmela e Setúbal) e a designação de vinhos regionais Península de Setúbal. A maior parte dos vinhos da região utiliza a casta Castelão na sua composição. Esta é a casta tradicional da zona e a legislação para a produção de vinhos DO obriga à utilização de uma percentagem elevada de Castelão: por exemplo, o DO de Palmela tem de ser constituído por 66,7% desta casta. Por vezes, a Castelão é misturada com a casta Alfrocheiro ou Trincadeira.
As castas brancas dominantes na região são a Fernão Pires, a Arinto e, naturalmente, a Moscatel de Setúbal, que é utilizada em vinhos brancos e também nos vinhos generosos da Denominação de Origem de Setúbal.
O vinho generoso de Setúbal, elaborado a partir das castas Moscatel e Moscatel Roxo, é um dos mais antigos e famosos vinhos mundiais.

Alentejo

O Alentejo é uma das maiores regiões vitivinícolas de Portugal, onde a vista se perde em extensas planícies que apenas são interrompidas por pequenos montes. Esta região quente e seca beneficiou de inúmeros investimentos no sector vitivinícola que se traduziu na produção de alguns dos melhores vinhos portugueses e, consequentemente, no reconhecimento internacional dos vinhos alentejanos.
O tipo de relevo predominante na região é a planície, apesar da região de Portalegre sofrer a influência da serra de São Mamede. As vinhas são plantadas nas encostas íngremes da serra ou em grandes planícies e em solos muito heterogéneos de argila, granito, calcário ou xisto. Apesar disso, a pouca fertilidade é um elemento comum a todos os solos.
Grande parte dos 22.000 hectares de vinha alentejana concentram-se nas oito sub-regiões da Denominação de Origem alentejana: Reguengos, Borba, Redondo, Vidigueira, Évora, Granja-Amarelej a, Portalegre e Moura.
No Alentejo há inúmeras castas plantadas, contudo umas são mais relevantes que outras (seja pela qualidade ou pela área plantada). As castas brancas mais importantes na região são a Roupeiro, a Antão Vaz e a Arinto. Em relação às castas tintas, salienta-se a importância da casta Trincadeira, Aragonez, Castelão e Alicante Bouschet (uma variedade francesa que se adaptou ao clima alentejano).
Hoje, o Alentejo tem um enorme potencial na produção vitivinícola, todavia a região nem sempre contou com o apoio das políticas agrícolas nacionais. Nos anos 50, foi criada a primeira adega cooperativa da região com o objetivo de controlar a produção vinícola. No entanto, foi apenas nos anos 80 que o Alentejo se submeteu à grande revolução na produção vitivinícola. Demonstrando uma enorme capacidade de organização, os produtores alentejanos constituíram inúmeras associações, revitalizaram as cooperativas e encorajaram os produtores privados. Assim, o sector vitivinícola ganhou outra relevância, justificando a demarcação oficial da região em 1988.

REGIÕES VINÍCOLAS



CISION

ID: 50140677

Grande Consumo

01-09-2013

Tiragem: 5000
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 1
Cores: Preto e Branco
Área: 9,22 x 0,83 cm²
Corte: 5 de 5

VINHOS E REGIÕES PAÍS VINÍCOLA EM ANÁLISE